

DENIS FERREIRA

PREVIDÊNCIA SEM SEGREDOS

Envelhecer sem recursos financeiros
assusta mais que a morte



ALTA BOOKS
E D I T O R A

Rio de Janeiro, 2017

SUMÁRIO

PARTE 1 1

1 DESDE OS TEMPOS MAIS PRIMÓRDIOS 3

O tempo passa 5

2 A PREFERÊNCIA TEMPORAL 7

Hoje ou amanhã? 9

Tudo depende de onde você está 11

PARTE 2 23

3 O PLANEJAMENTO FAMILIAR 25

A educação financeira 27

Superavitários *versus* deficitários 29

4 O PERFIL DE INVESTIDOR 37

A elaboração da estratégia de investimentos 39

Os investimentos dos brasileiros 41

Nós sabemos investir? 45

5 O INVESTIMENTO DOS BRASILEIROS E A OPÇÃO PELA SIMPLICIDADE 53

E por que queremos tanto um imóvel? 57

E a previdência? 61

PARTE 3 63

6 A PREVIDÊNCIA 65

O que é a previdência 66

Um salto no tempo 69

Para que serve? 73

7 A PREVIDÊNCIA SOCIAL 79

Como funciona 79

Aposentadorias 81

Salários/pensões/assistência 99

Auxílios 110

Algumas dicas gerais 121

8 ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS 129

Ministério da Previdência Social 130

INSS 132

DATAPREV 136

9 OS CONSELHOS DO MINISTÉRIO DA PREVIDÊNCIA SOCIAL 141

O Conselho Nacional de Previdência Social 142

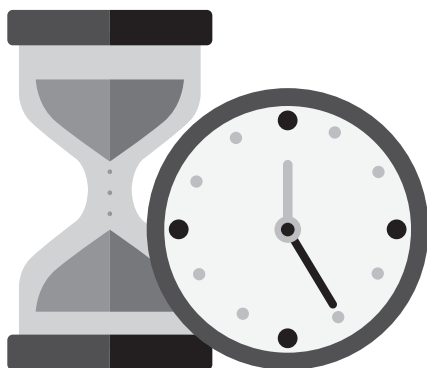
O Conselho de Recursos da Previdência Social 145

Câmara de Recursos da Previdência Complementar 151

PARTE 4 155

- 10 A PREVIDÊNCIA PRIVADA 157**
 - Como funciona? 158
 - Pontos importantes a se observar 159
- 11 ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS 167**
 - O Conselho Nacional de Previdência Complementar 174
 - Câmara de Recursos da Previdência Complementar 177
- 12 MODALIDADES DE PREVIDÊNCIA COMPLEMENTAR 181**
 - A entidade fechada de Previdência Complementar 184
 - Reservas atuariais 203
 - A estrutura de uma entidade fechada 208
 - A entidade aberta de Previdência Complementar 211
 - Outros planos 224
- 13 DO INÍCIO DOS INVESTIMENTOS ATÉ O RECEBIMENTO DOS BENEFÍCIOS 227**
 - A fase de contribuição 228
 - A fase de recebimento 241
- 14 QUAL DOS PLANOS ESCOLHER? 259**
 - Quanto devo guardar para a aposentadoria? 264
 - O que um investidor deve saber na hora da contratação? 268
- ÍNDICE 275**

PARTE 1





CAPÍTULO 1

DESDE OS TEMPOS MAIS PRIMÓRDIOS

Era uma vez, há muito tempo, uma família nômade que vivia a vida de lá para cá. Certo dia, um inverno muito rigoroso veio e destruiu todos os recursos da região onde essa família morava. A família inteira morreu. Fim.

“Como assim? Essa é a história? Que final horrível e trágico para a pobre família!”

Pode de fato parecer um fim trágico, mas, para muitas famílias que viviam à custa dos recursos disponíveis de uma região, e os consumiam até sua escassez, essa era a realidade. Após se utilizar de tudo que podiam, as famílias nômades se viam na urgência de migrar para outra região aproveitável, ou padecer até a morte. Tudo isso se dava pelo único e exclusivo fato de estas famílias não realizarem um ato que atualmente para nós é mais do que comum: poupar.

Antigamente, era comum muitos povos nômades cruzarem extensas áreas em busca de alimentos e abrigo, de tal modo que a região

ocupada era totalmente usufruída para caça, pesca e, principalmente, para coleta de frutos e plantas ali presentes. Uma vez instalados em certa região, armava-se acampamento e dava-se início às buscas por alimentos. O ponto principal deste tipo de cultura é que eles não se davam ao trabalho de postergar sua permanência no local com técnicas como agricultura (através do cultivo de alimentos), pecuária (criação de animais) ou edificações (construção de proteção), e como tudo que é bom dura pouco, não levava muito tempo para que os nômades consumissem mais do que a natureza, de forma orgânica, pudesse recompor. Sendo assim, sem mais condições de habitação do local por falta de mantimentos, os povos nômades levantavam acampamento e partiam em busca de outro espaço para ocupar.

Com um modelo de sobrevivência destes, não é preciso investir muita massa cinzenta para imaginar como se deu o final da história dos povos nômades. Com o passar do tempo, muitos destes povos cruzaram imensas extensões de áreas e foram se separando. Por falta de estrutura para manter grandes agrupamentos, a maioria dos integrantes debandava do grupo em busca de seu próprio espaço para exploração ou acabava integrando outros grupos que possuísem uma melhor estrutura de sobrevivência. Por conta das constantes migrações, a cultura dos povos nômades se perdeu no tempo, uma vez que eles não eram grandes produtores de quaisquer materiais como cerâmicas, vestimentas e armamentos, sendo obrigados constantemente a trocar seus suprimentos por estes equipamentos e, por fim, o passado dos nômades se perdeu na história, sem que tenhamos muita informação de sua cultura e costumes.

Mas desta história nós podemos levar uma lição: Se você utilizar com responsabilidade os recursos que lhe estão disponíveis e ainda economizar parte destes recursos reinvestindo-os, certa-

mente no futuro haverá uma quantidade disponível para reutilização. No modo mais popular, podemos condensar essa frase com o famoso ditado: “Quem poupa tem”

O TEMPO PASSA

Com o passar do tempo, os próprios nômades se deram conta de que firmar o pé onde pudessem organizar um acampamento fixo, cultivar e criar seus próprios alimentos era imensamente mais vantajoso do que perpetuar uma busca por recursos. Os que aderiram ao novo modo de viver iniciaram as primeiras sociedades estruturadas com divisões de tarefas simples, como caçar, cozinhar, proteger ou plantar. Já os que ignoraram o inegável progresso de fundação de acampamentos fixos continuaram suas buscas até extinguirem suas próprias famílias.

No período neolítico, base da mudança nômade para residente, os grupos, que antes eram de poucos, começaram a se reproduzir em maior velocidade após o ganho de estabilidade e controle do ambiente onde se vivia. Com as práticas de agricultura, foi possível gerar uma quantidade maior de alimentos básicos, como plantas e frutas, e, com o desenvolvimento da criação e domesticação de animais, houve uma melhora na qualidade do consumo de nutrientes, o que mantinha os integrantes da tribo aptos a permanecer por mais tempo em atividades que exigiam maior esforço físico. Soma-se a isso tudo o desenvolvimento de técnicas que permitiam às tribos conservar os alimentos estocados por mais tempo, o que proporcionava não só um estoque de bens para consumo, mas maior tempo livre para estas sociedades desenvolverem sua cul-

tura, base de nossa história. Esse processo de intensas mudanças ficou conhecido como a Grande Primeira Revolução Agrícola.

Com o ganho de escala da produção de alimentos, grandes grupos foram se juntando em torno de um mesmo local, o que gerou os primeiros territórios tribais com seus respectivos costumes, divisões de responsabilidades, crenças, cultura e comandantes políticos. Todo esse desenvolvimento tecnológico deu-se exclusivamente graças à percepção da necessidade de poupar no presente para a utilização deste recurso em uma data futura. Mas você deve estar pensando agora: Como é gerada a força de vontade que move uma pessoa a deixar de consumir ou utilizar um recurso disponível hoje para postergar esse consumo para uma data futura? Bem, cada um de nós tem uma motivação pessoal que nos faz agir conforme o tamanho da ambição de tornar nossos objetivos realidade. Economicamente falando, esta força de vontade na postergação de um consumo imediato chama-se **preferência temporal**.



CAPÍTULO 2

A PREFERÊNCIA TEMPORAL

Ao ouvir esse termo, muitos podem ficar confusos sobre o seu real significado e utilização, no entanto, é muito comum termos de tomar decisões em nosso dia a dia que envolvam escolhas de consumo presente versus consumo futuro. Imagine, por exemplo, uma família que está em busca de um novo eletrodoméstico e vai a uma loja que está com uma megapromoção. Após chegar ao local e escolher o produto que será comprado, chega a hora do desembolso para oficializar a compra. Conforme a loja havia informado na propaganda da promoção, todos os produtos estavam com condições especiais de parcelamento: doze vezes sem juros. No entanto, o gerente da loja informa que se a compra for quitada à vista, o cliente recebe um desconto de 10% sobre o produto escolhido.

E agora? Parcelar o produto e adiar um desembolso único ou acabar logo com isso e ainda ganhar um desconto de 10% sobre o valor final e economizar um dinheiro? Falando assim, de cara, e perguntando-lhe como você reagiria a esta situação é extremamente difícil saber a resposta. Seriam necessários ao menos alguns minutos para que você pudesse colocar o que está em jogo na ponta do lápis e fazer alguns cálculos mentais para saber o que é mais vantajoso. Pagar o produto no ato e ganhar o desconto será melhor ou pior do que dividir o valor total em suaves prestações que cabem no meu bolso? E se eu tiver algum dinheiro guardado na poupança e utilizar ele para pagar o produto à vista? Será que se eu depositar o valor que eu pagaria das parcelas na poupança eu terei mais dinheiro do que antes por conta dos rendimentos?

São muitas as variáveis que irão lhe guiar na tomada desta decisão, e com toda certeza você desejará escolher a melhor opção para depois não ficar com o arrependimento remoendo dentro da cabeça. Porém, na maioria das vezes, quando somos confrontados a escolher entre diferentes opções, sejam de consumo, poupança, investimento etc., muitos de nós nos guiamos por aquela voz interna que parece brotar em nossas cabeças e nos faz ser intuitivos. Essa voz, apesar de parecer a melhor opção, tem lá sua irracionalidade, e quase sempre nos leva a agir por impulso e esquecer as premissas básicas que seguiríamos se tivéssemos tempo para raciocinar. Quando se trata do confronto da opção de consumo versus poupança, esse palpite em nossa cabeça é guiado exclusivamente pela nossa preferência temporal.

HOJE OU AMANHÃ?

Já está mais do que provado através de estudos comportamentais que, quando o homem é confrontado sobre consumir um mesmo bem hoje ou no futuro, este irá escolher a satisfação imediata. Este conceito está tão enraizado em nossa cultura que há até um ditado famoso que demonstra o gosto popular pelo hoje, que diz: “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”. Um acúmulo de sentimentos, como incerteza do futuro, ganância, consumismo e vaidade, faz de nós seres imediatistas, que agem em casos de pressão ou baixa racionalidade com uma visão estritamente de curto prazo e limitada frente às diversas possibilidades decorrentes da postergação do consumo e da geração de poupança. Sendo assim, cabe a nós tentar imaginar qual seria, dentre muitas opções, a razão mais forte para alterar a visão de curto prazo de um **agente econômico**¹ e convencê-lo a postergar o dispêndio hoje. É claro que a melhor resposta para esta pergunta é “um agente só deixaria de consumir um bem hoje em troca de uma quantidade maior deste mesmo bem amanhã”. Se tivermos em nossas mentes que a possibilidade de um ganho futuro maior que o consumo presente é o balizador da geração de poupança, devemos entender também que a ideia que faz um potencial consumidor retardar seu consumo é a geração de valor esperada por ele através da reserva monetária não utilizada.

Aí é que as coisas ficam um pouco mais complicadas. Valor é um conceito muito abrangente e varia muito de pessoa para pessoa. O que pode ser valioso para mim muitas vezes é tratado com desprezo pelos

¹ AGENTES ECONÔMICOS: aqueles que tomam decisões econômicas, tais como poupar, consumir, produzir, vender.

outros. Pense em um palestrante que possui aqueles pequenos aparelhos que trocam de slides automaticamente, ativam animações de forma ágil e ainda sinalizam algum ponto específico com laser quando se pressiona um botão. Para ele, pagar cem ou duzentos reais em um aparelho destes faz mais sentido do que para um estudante do último ano de faculdade que vai utilizar este aparelho apenas em seu TCC. Resumindo, o palestrante vê um valor maior naquele produto do que o estudante e, portanto, está mais disposto a abrir mão de tal quantia monetária para adquiri-lo. O valor observado em cada tomada de decisão é o que vai determinar o tamanho da força de vontade em criar poupança (reserva monetária).

Se voltássemos cerca de mil anos, em que muitas transações ainda se realizavam através de **escambo**,² seria quase impossível mapear um padrão sobre a geração de valor para a população daquela época, pois, sem um bem em comum para formalizar as trocas, muitas transações se davam a partir das necessidades básicas das pessoas. Quando o padeiro precisava de um pouco de carne, trocava seus produtos (bens) com o açougueiro. Quando este precisava de leite, trocava estes mesmos produtos com o leiteiro. Deste modo, não havia muitas maneiras de se medir a equação necessidade versus valor, que acabava se guiando mais pelo consumo imediato. Este tipo de troca também gerava um transtorno imenso, pois imagine que para um açougueiro trocar seu produto por um sapato, ele deveria ir até o sapateiro e oferecer o escambo carne-sapato. Agora imagine o que ocorreria se o sapateiro em questão não gostasse de comer carne. O açougueiro iria ter de partir em busca de um artesão que se interessasse pelos seus produtos para assim realizar a transação de troca.

² ESCAMBO: sistema em que os agentes econômicos realizavam trocas de mercadorias a fim de satisfazer suas necessidades, sem a utilização de moeda.